

ANNO I

RIO DE JANEIRO

N. 4



REVISTA

DA SOCIEDADE

PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMISSÃO DE REDAÇÃO

GOMMISSÃO

Rodolpho Paixão, Urbano Duarte, Dantas Barreto,
Licínio Cardoso e Pedro Ivo

ABRIL DE 1878

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

Rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.



REVISTA DA SOCIEDADE PHENIX LITTERARIA

Revoluçãoes do theatro no presente seculo

LIDO EM SESSÃO AO DISCUTIR-SE A THESE SUPRA
POR URGANO DUARTE (1)

(Continuação)

Convindo resumir o meu discurso, não poderei tratar senão mui perfumatoriamente desse assumpto, aliás de grande folego, visto como n'ele se condensa todo o movimento litterario do grande seculo que atravessamos.

Pois, dado no theatro o grande e primordial impulso, na noite memoravel da 1^a recita de Hernani, em que a rapaziada romantica (tendo á sua frente o campeador T. Gauthier) tanto juriou com os *philistinos* do classico pedantesco,—pois d'esde esse dia o circulo de accão da litteratura espraiou-se imensamente, circundando todo o arsenal das artes plasticas e do desenho. A expressao, o pittoresco, o contorno, o colorido, a concisão, substituirão á rhetorica sedica, soporifera, bolorenta, absolutamente incompativel com os ideias prenhes de mysterios e scintillações que a nova geração sentia tremeluzir-lhe no cerebro. A Revolução romantica foi para bem dizer o ricochete d'esse implacavel roboz lançado no seculo passado pela razão humana, representada no luminoso triumvirato conhecido pela formula

(1) Precedido de um estudo prévio sobre o theatro classico francez do seculo XVII.

— Voltaire, Rousseau, Montesquieu. Obuz que mata, mas dá vida nova, obuz que obscurece para illuminar, e cuja luz bem pôde-se considerar como tendo procurado o fôco n'uma cabeça : — a cabeça de Victor Hugo. Cabeça que possue todo o genio um seculo em uma metade sendo a outra metade ocupada pelas tempestades do vidente e a reflexão do Futuro. Mas não ricochetemos esse periodo, porque assim parte-se o fio do discurso. Tendo a litteratura dramatica entrado em seus verdadeiros eixos, o grande sopro Shakespeareano nunca mais abandonou-lhe, inspirando-lhe todos os meios de abalar, commover, instruir e deleitar as plateás dos paizes civilisados. Marchou triunfante pelos grandes dramas de raça, *pur-sang*, como *Hamlet*, *Henrique III*, *Bufo-Blas*, *Lucrecia*, etc., através o genero lacrymoso e ethereo do conde de Vigny e a dita escola do bom senso de Ponsard, e chegou, por uma evolução logica e inevitável, á moderna comedia realista, de chapéo de pello e bengala, cujos apostolos: Dumas filho, Sardou, Augier, Feuillet, etc., vós todos conhecéis.

Já temo manifestado minha nulla opinião sobre o realismo. Repellimol-o dos dourados vergeis da poesia pura, mas comprehendemol-o e aceitamol-o em litteratura propriamente dita. Sim, o realismo no theatro e no romance, que é para uns um genero bastardo e transitório, para outros immoral e perversivo, é sem duvida a unica forma compativel com o espirito contemporaneo; porque a litteratura, na accepção intrínseca da palavra, é a expressão immediata da sociedade, é o baixo relevo de uma dada civilisação em uma dada época, é a evocação e dissecação da historia á luz meridiana, é o palpitar de uma época embalsamado na Poesia da tradição. E para essa dissecação, para essa escultura, convém que a pena transforme-se em scalpelo e cinzel; que descomponha e componha, que analyse com paciencia e synthetise com genio. Eis ahi. Assim, e só assim, a comprehendemos; a escola realista não é nem pôde ser uma obra de decomposição e crueza.

Tem o Ideal. Mas onde está elle? Procuremos, trabalhemos. Elle não pôde deixar de existir.

Baseado n'essas theorias, tremola caracterizada e legitimada pela logica das evoluções necessarias. Se o seu halito enjôa as constituições delicadas e os paladares meticulosos, e se faz penetrar nos espíritos deles uma grossa dose de scepticismo moral, pergunto, que culpa tem disso o

artista, o escriptor? Para ser verdadeiro, incisivo, profícuo, tem elle de empregar todos os meios afim de prescrutar afanosamente as multiplas polifurcações do polypo monstruoso que tenta a toda hora esphacelar o corpo social, o Protheu do Mal, cada dia mais complicado e perigoso. O que se deve exigir de sua parte é um esforço de poeta, um esforço d' alma possante e generoso que tenha por fim o fazer surgir, do proprio tremedal dos vicios e erros, a densa do bem e da justica em plena integridade; o compor a lição e o exemplo no centro mesmo dos elementos deleterios que saturam uma atmosphera corrompida e irrespiravel. Sente-se a immensa dificuldade que se apresenta para a realização d'esse processo, que summa habilidade não será preciso dispensar afim de consummar o castigo com as proprias forças do crime, fortalecendo assim a moralidade da obra sem ser preciso recorrer ao systema das apoteoses banaeas e ficticias, nas quaes o arjo do bem anda aos trambolhões com o arjo do mal até o primeiro derrubar o segundo e supplantá-lo; metodo de que tanto gostavão os nossos bons bisavós.

O grande successo dos dramaturgos, senhores, e mesmo a vantagem d'estes sobre os romancistas, provém da superioridade do theatro sobre o romance. Ao passo que n'esse o terreno á explorar é vastissimo, illimitado, dando assim origem a verdadeiras creações de envolta com toda a tulha de nihilismos litterarios, o drama, isto é a vida individual e social, a luta do homem consigo mesmo e com a sociedade, choques de idéias, paixões e caracteres infinitamente variados á produzir toda a ordem de situações, o drama, digo, requer sobretudo o colorido, a concisão, e o relevo. Requer a meditação do philosopho junto a atenção do observador e ao genio do poeta. Quem em nossos dias aspirar a gloria de dramaturgo ha de escrever com a mão sobre o coração do corpo social. Dumas filho confessou que as suas melhores scenas aparecerão lhe em pleno boulevard inspiradas por episodios apparentemente futeis.

O estilo, por melhor que seja, marchetado de toda especie de lavores, é questão secundaria nas peças vasadas no molde da realidade; a linguagem da comedie moderna não requere zita bordados. A periphrase e o appellativo, já mortos pelc romantismo, foram hereticamente enterrados pelo realismo. O nome proprio e o argat mesmo utilido com parcimonia e arte, subiram ao throne.

O fundo da obra é o desenvolvimento de uma these

social; mas—notem bem—sem este espirito de combate e propaganda immediata que tenta transformar o theatro n'uma tribuna ou n'um *meeting* popular. Que no tempo sagrado da Arte, só ella, a interprete do bello em suas multiplices manifestações, só ella pode dictar leis e marcar programmas.

A primeira condição que tem a preencher o autor dramatico é *atingir o effeito esthetic* (se assim posso chamar) e isso qualquer que seja a natureza do assumpto. Quer-se ver á luz da rampa o talento na composição e na execução. Se não ha, temos conversado. Quem não satisfizer á essa condição vital, *sine qua non*, não é dramaturgo. Será moralista, orador, pedagogo, deputado ás côrtes, mas artista, poeta, não é. E o artista-poeta é parte integrante de quem ousa escrever para o theatro.

Como já fiz sentir, alguns espiritos rabujentos e anachronicos só querem ver na moderna litteratura um hybrido e indigesto eclectismo sem mira, sem crença, sem ideial, uma degeneração do gosto capaz de provocar nauseas aos legítimos sacerdotes do deslumbrante Phebo, o qual Phebo, segundo elles, inda hoje está lá a lamber nos dedos a ambrosia e o nectar immortaes; accusam a arte de ter tomado sob sua augusta e consoladora proteccão o proletariado, isto é, toda essa cínia de pobres diabos que não têm onde caírem mortos. Com estes imperfeitos velhotes não se estraga rhetorica, manda-se simplesmente plantar favas. Felizmente entre nós não existem d'esses espíritos rabujentos, mas na Europa abundam.

Quem não affrontar o problema de seu tempo, quem não contemporanizar para poder collocar-se a altura da situação, preferindo embalar-se nas doces reminiscencias de uma edade melhor, é covarde.

Direi por fim, senhores, que a escola litteraria coeva é o unico alimento que deve ser assimilado por essa numerosa massa democratica, a qual, expurgando-se de um radicalismo exagerado, ha de um dia subir á seu posto de honra pelos degraus da scienzia, do talento, e da virtude. Deve ser ella educada no vivo sentimento das realidades da vida, afim de não deixar-se illudir pela autocracia arrogante, pela oligarchia astuta o pelos prestigios do poder. Uma litteratura profusa e livre, sem ser liberrima, é a pedra de toque dos povos cultos; o theatro nacional chegou á altura de uma instituição. Assim proclama a critica sensata e illustrada, assim o exige a civilisação sempre crescente dos povos christãos e democraticos do velho e do Novo Mundo. Tenho concluido.

O Christianismo agonisa ? !

I

E temeridade levantarmos a voz para a defesa de uma causa acostumada a ver surgir, quando ameaçada em seus alicerces, pleiades de lidadores titânicos, astros fulgurantes cujas scintilações fazem esvaecer as nuvens que em torno della se apinharam.

Não seremos, pois, quem deslumbrado por sua magnificencia, faça retumbar pelo orbe o brado de guerra e vá depois hastear sobre os restos pulverizados do erro, o estandarte das grandes verdades. Não, sentimos o peso esmagador da pequenez de nossos recursos: sirvam, porém, as modestas considerações que expendermos de incentivo aos athletas denodados que têm, como nós, sob a arvore frondosa do Christianismo, sorrido o doce lenitivo as decepções mundanas. A Vós gladiadores pacíficos dos certames da intelligencia, compete a lucta; e mais uma vez o triumpho coroando Vossos esforços, entoará o hosanna dos séculos á grandiosa epopéa cantada no Golgotha, pelo mais glorioso e sublime de todos os martyres.

A verdade, irradiando sua luz divina, offuscará aqueles que ameaçam os adeptos da doutrina, que a humanidade há dois mil annos cobre de respeito e admiracão, com a horrida imagem de seu proximo desaparecimento! Aquelles que apontando-lhes um passado glorioso, os convidam, entretanto, para vibrarem nas cordas rouquenhas da lyra utilitaria, a nenia ao morto colossal.

Mostrai mais uma vez que o Christianismo não recusa a lucta; porque esta o eleva e engrandece; porque só a recusam as escolas cujas doutrinas falsas não resistem á analyse imparcial da razão, e nem são dignas de ser submettidas á este elevado criterium. Demais, elle tem visto cahir a seus pés os gladios bipartidos dos adversarios cyclopicos que o têm accomettido.

A philosophia que atravessará os séculos zombando da onda impetuosa de inimigos formidaveis, não abandonará tão facilmente os arraiaes de suas bellas conquistas, e com elles a

ultima esperança d'aquellos que entrevêm alguma cousa de absoluto e imutável, através as contingencias da matéria.

II

Os sectarios da Philosophia Positiva, a quem respeitamos como defensores que são de uma idéa, soltam aos quatro ventos do mundo este brado desanimador: — O Christianismo agonisa! — e nos arroubos de febril entusiasmo tecem-lhe a mortalha gigantesca. Isto é a nosso ver ha allucinação; entretanto procuram fazer crer, para justificar tal sentença, que esta philosophia é um espantalho á civilisacão; barreira anteposta ao progresso; rochedo onde a humanidade, Prometheu acorrentado, sofre impassivel a dilaceracão das entradas. E' este o libello, temos a velleidade de suppôr a defesa dentro das raías do possível.

Penetremos no arsenal, onde procuram desorientados, a clava com que pretendem esmagar-nos. O que nos diz a historia? Que o imperio dos sentidos dominava, e como consequencia desta falta do ideal puro e sublime que só mais tarde attingiram os povos, naufragio completo da moral; monstruosa corrupção!

A mulher aviltando-se e aviltada; a familia uma deformidade, monstro gerado nas entradas d'aquelle sociedade enervada e decrepita.

Na propria Grecia, onde bebemos á longos tragos o nectar inebriante distillado por genios quasi divinos, em todas as manifestações da intelligencia, a mulher era immolada em holocausto á depravação ateniense, ou ao ardor bellico de Sparta, consubstanciado na monstruosa legislação de Lycurgo. Em Athenas ella foi adorada, talvez, e o cinzel dos grandes artistas talhou-lhe estatuas immorredouras. Mas essa adoração não era á mulher, era á sua belleza; não era á essencia, era á forma. Este deslumbramento tinha por epilog o orgia; esta mulher resumia-se em Phryné. Entre a mulher pagã e a mulher christã, ha um grande abysso. A Grecia vê endeu-sada uma meretrix; a Judéa vê a mais bella e arrogante corteza rasgar as esplendidas roupagens, manchadas pela ignominia da prostituição, e envolta nas vestes da humildade, orvalhar com lagrimas de eterno arrependimento, os pés do Filho de Maria.

E' pois um facto incontestavel o estabelecimento da familia

pelo Christianismo, que regenerando a mulher, impõe-lhe a nobreza amortecida pela depravação dos costumes, e reivindicando seus direitos, creou os laços indissoluvels que a ligam ao homem, comparticipando todos os prazeres e maguas de sua atormentada vida.

Esta verdade, é forçoso confessar, não foi negada por A. Comte, illustre fundador da nova escola; mas seus discípulos, exagerando-o, negam-na, porque vemos em defesa da preciosissima joia, sobre a qual lobrigamos as garras empolgadoras.

Passemos em revista os principios arvorados pelo Christianismo em programma, através dos quaes o templo da felicidade humana ostenta o portico esplendoroso: Pregou a Liberdade, e fez vacillar, ante a magestade deste apanágio grandioso, o edifício da estupenda tyrannia a que os povos, enervados pelas deleterias exhaladas do vicio, curvavam o dorso impotente.

Fez cessar o estado de constante guerra entre as nações, desfraldando a bandeira, tres vezes santa, da Fraternidade, generalisacão sublime do mais puro sentimento que o coração humano alimentar pôde! Pregou a Egalidade, despedaçando as correntes que traziam milhões de seres jungidos ao carro ignominioso da oppressão.

Negar a grandeza deste principio, é retrogradar até Aristoteles, não o podendo, porém, procuram desnorteados pela preocupação destruidora, amesquinhar-lhe o porte gigante. Dizem: — A igualdade christã é o communismo; é a inversão da ordem social!

A accusação nos parece irrisoria; a doutrina que nos impõe, como preceito inviolavel, o respeito ás acquisições de outrem, quaesquer que ellas sejam, com tanto que legítimas, é a negação completa desta aberração a que foram levados espíritos, aliás aproveitaveis, pela superabundancia de opressão.

Após esta rapida analyse vê-se que o Christianismo, encontrando a sociedade nas bordas do abysso, desvendou-lhe os olhos á luz diaphana de princípios que a tem guiado em sua marcha evolutiva através os séculos, e cuja immutabilidade parece-nos fatal, a despeito de toda e qualquer hostilidade philosophica. Como, pois, dizer-se que é antagonica com o progresso e a civilisação esta doutrina que tem, como base, verdades que nenhuma philosophia, digna deste nome, poderá deixar de consagrar?!

III

Si quanto á parte doutrinaria não procede a accusação, vejamos se a parte dogmatica pôde justificá-la. O Christianismo reconhece como princípio criador e regulador do Universo, um ser infinitamente bom, conjunto de perfeições, do qual o homem, rei da criação, é uma imagem, posto que pallida. D'ahi decorre um culto por meio do qual elle, o contingente, o imperfeito, presta adoração ao Creador de todas as cousas e delle procura approximar-se indefinidamente. Ora, reconhecida, como é, sua tendencia para o ignoto, e além disto tendo elle irresistivel desejo de aperfeiçoamento, sente necessidade deste princípio que impõe-se facilmente á razão, em suas cogitações apoz a contemplação do mundo objectivo, e á cuja luz marcha desassombrado em sua rapida peregrinação pelo mundo. D'onde resulta que tendo um ideal, synthese de todas as qualidades perfeitas e infinitas, procura attingil-o, aperfeiçoando progressivamente sua natureza moral e intellectual.

Desde que o culto a este ser conserve-se na esphera nobre e elevada traçada pelo Christianismo, comprehende-se facilmente que jámais trairá como resultado o aviltamento do gênero humano, e o retrocesso da civilisação. Quanto ao dogma não ha pois ainda o preconizado antagonismo.

O Positivismo não podendo deixar de reconhecer a necessidade de um ideal para o espírito, tanto que crê-o na humana; estabelecendo um culto a seu modo apresenta, encarado sob este ponto de vista, a triste perspectiva d'aqueles que intentam redescobrir uma monstruosidade architectonica, por sobre as ruínas de um grande edifício !

O ideal que apresentam, perfectivel, por tanto mutavel, todo de partes imperfeitas, participa das contingencias de onde procede. O culto a este Deus perfectivel está sujeito aos mesmos abusos que o da religião combatida. Nem ao menos nisso leva-lhe a nova escola vantagem !

Rodolpho PAIXÃO.

Rio, 1878.

O seculo XIX

I

Quando o espirito humano se embrenha perscrutador no labirinto enorme do passado;

Quando, revolvendo as ruinas espalhadas pelo vento impetuoso dos seculos, vai disputar curioso aos monumentos carcomidos pelo tempo o segredo das geracões que foram;

Quando, compulsando atento as paginas do grande livro da humanidade, estuda, indaga e compara: reconhece, e não pôde deixar de reconhecer, o que é uma verdade profunda, evidente, axiomatica: *o seculo XIX é o seculo da luz.*

Os factos comprovam, a consciencia atesta que ha uma força continua, um agente constante que impelle a humanidade para diante: é a evolução, é o progresso.

Marchar, tal é a lei fatal da humanidade.

Quando a critica sagaz, lendo os caracteres mysteriosos das pyramides do Egypto, ou decifrando as inscrições enigmáticas dos monolitos, conhece do homem prehistórico;

Quando o philologo moderno, estudando as archeologias das linguas, comparando os seus elementos e meios rudimentares, aclara as theorias historicas e derrama um raio de luz atravez a noite escura do passado: é a marcha incessante da humanidade que se constata; é o passo collectivo do genero humano demonstrado pela sciencia.

E Littré: *Quand je vous parle d'évolution et de progrès, c'est un phénomène naturel que je constate.*

O historiador que, atravessando no batel firme da critica, o oceano tempestuoso das idades decorridas lentas na ampulheta do tempo, vai estudar as causas primarias, as condições necessarias que determinaram que tal estado social fosse a consequencia de tal outro; e da comparação do passado e do presente, deduz a faculdade de predizer o futuro, dirá sem duvida, com a mais plena convicção, como o sublime autor dos *Miseraveis*: *o seculo XIX é grande, mas o seculo XX será feliz.*

E assim deverá ser.

Do choque titanico do elemento barbaro contra o elemento romano; da luta gigantesca do espirito do christianismo.

nismo com o espirito do paganismo, do Deus misericordioso e democrata concebido pelo genio ativo do filho de Maria com o Jupiter colérico e sensual gerado pela imaginação ardente e febril do grego; do grande duelo entre o vigoroso imperio germanico e o apodrecido cadáver da Roma de Augusto; devia surgir esse longo período da vida dos povos, que não se define, e que se chama simplesmente — a idade media.

Vasto edifício gothico construído por uma cohorte numerosissima de operarios lendários com um numero infinito de elementos heterogeneos.

Alluvião monstruosa de resíduos amontoados pelo bulcão potente das idades; producto informe, descomunal da fusão de meios incompatíveis.

Parece á primeira vista que esse longo período constitue uma verdadeira anomalia no estado perfectível da humanidade, uma violação á lei do progresso, uma retardação no movimento contínuo da sociedade.

Com efeito: a sciencia, envolvida nas dobras negras do habito infernal dos monges cadávericos, jazia sepulta nas profundezas tenebrosas dos conventos: Não era o sol a guiar os passos do homem, não era a luz na noite escura da vida, não era o orvalho vivificante do espirito.

Parece que o genio bemfazejo do futuro fugira apavorado.

Parece que a poesia ficara sepultada nas ruínas enegrecidas; e aos cantos heroicos de Homero, e á epopéa gigante de Virgilio succedera a luta sangrenta dos gladiadores na arena bestial.

Dir-se-hia que um abutre negro roia incessante o fígado d'esse grande Prometheu.

A humanidade como que ficara estacionaria. Mas era o progresso latente, era o progresso statico permitta-se-nos a expressão.

Este céo tenobroso era o preludio de um grande dia; essas espiraçoes de fumo negro anunciamavam proximo o surgir de uma luz esplendida e radiante. □ 53

Accumulavam-se os materiais informes para a construção do edifício portentoso do futuro.

Ao movimento maravilhoso da humanidade, á essa luta terrivel travada entre o occidente e o oriente, luta empenhada em nome do Deus uno, da crença e do dogma; ao retinir das lanças lusidas d'essas cohortes de cavalleiros denodados

sob os muros lugubres de Jerusalem; ao grito de Deus o quer, proferido pelas turbas multas, que juncavam com seus cadaveres o solo da Asia: seguia-se o primeiro despertar do espirito humano, o primeiro grito da razão, quando os restos dessas legiões guerreiras traziam consigo os tesouros da sciencia guardados la nas regiões da Arabia.

As cruzadas, esse grande resultado da historia, não são o resultado da superstição e do fanatismo dos povos, mas um grande passo dado pelo genero humano.

A labutar constante do espirito, aos esforços continuos do homem por conhecer dos mysterios escondidos no seio da natureza, deveu-se a descoberta maravilhosa de Guttemberg, facto sublimemente grande, verdadeira era, ponto de partida de uma época inteiramente nova, assinalada pelo progredir do mundo scientifico, e da republica das letras.

A imprensa foi a alavanca poderosa, que veio remover o obstaculo que impedia a marcha da humanidade, restabelecendo o dynamismo da força que se chama progresso.

Era ella que ia atacar, combater e vencer tudo.

Os empoeirados pergaminhos da sciencia, archivados nas escutas bibliotecas dos conventos, iam surgir á luz da publicidade, e seriam levados pela aguia alta de Guttemberg através a immensidate dos espacos.

A imprensa era uma arma poderosissima n'essa luta homérica em que se empenhavam o passado e o futuro.

Foi n'este periodo que um grande genio, um desses homens, que podem chamar-se instrumentos historicos porque servem para acelerar a marcha dos povos; surgiu como um astro rutilante em uma noite obumbrada ainda, e, novo Messias, anunciou em face da humanidade, a existencia de um—mundo novo.

Era Colombo, que escudado na descoberta soberana da sciencia, lançava-se nas dobras encapelhadas dooceano revolto; e arrancava do manto tenebroso do incognito — a America — destinada á representar um papel tão importante no drama do futuro; a America que tinha de dar Washington para liberdade, e Franklin para a sciencia.

Apóz o fructo espantoso do filho de Moguncia, a razão sacode o jugo infamante que a opprimia, liberta-se da tyrannia do dogma, e proclama pela boca de Luthero, um dos vultos mais venerandos da galeria das celebridades modernas, a sua liberdade e independencia.

A reforma era um phenomeno necessario da lei da evolução.

O espirito sentia a necessidade de quebrar os grilhões da cadea de ferro, que lhe tolhiam os voos.

Foi a primeira tentativa da independencia contra a oppressão da consciencia, contra essa violação manifesta da liberdade do eu.

O pensamento abria as azas, e como a aguia ia cortar o céu azul do futuro.

Começava um periodo novo; do consorcio d'essas idéas todas devia surgir uma idéa mais estupenda ainda; da ligação d'esses elementos devia nascer um todo compacto, perfeitamente connexo, admiravelmente ligado.

Era o *seculo XIX*, edificio vasto soberboso, colossal; coliseu gigantesco cujos alicerces haviam sido solidificados por operarios ingentes.

Era o *seculo XIX*, templo sacrosanto, onde se ia venerar um Deus novo — a *humanidade*; onde se ia professar um culto — a *sciecia*.

Apôz esse longo periodo da idade media, quando a realeza apodrecida, covarde e effeminada, deixando-se cahir do throno elevado dos Cesares, e sentindo desprender-se lhe da fronte a corôa aurea dos reis cabelludos; permittira que o feudalismo, esse sistema politico que tinha por divisa — a ignorancia — e — a guerra — por programma, e cujos effeitos apreciaremos, se enraizasse profundamente no seio das sociedades firmando o seu predominio sobre a impotencia dos povos embrutecidos pela escravidão;

Apôz esse longo periodo, digo, em que a aristocracia arvorara os seus estandartes belicosos; os principios do cesarismo, consubstanciados pelo talento politico de um rei da França, e traduzidos na formula geral de todos os tyranos — *l'Etat, c'est moi*, começavam á solapar o velho edificio do feudalismo, e a constituir a unidade da realeza, sonho constante dos Mazarino e dos Richelieu.

Entretanto em face d'esses poderes terríveis, apresentou-se um poder mais terrível ainda. Ao mesmo ponto vinha applicar-se uma força capaz de vencer o sistema das duas outras que actuavam sobre o corpo social: era o terceiro estado, era o povo soberano, e potente.

O edificio social ia reconstruir-se. Mas antes cumpría demolir; e Rousseau publicara o *contrato*, em quanto Voltaire o *Mazezes da incredulidade*, zombava do fanatismo, e despia no palco o manto negro dos hypocritas. O povo escrevia tambem

a sua epopeia, epopeia assombrosa, mais que dantesca, mais que homérica. Chamava-se revolução, chamava-se 89.

Sol esplendorido que vinha surgir no céo da liberdade.

Chave de ouro, que vinha abrir as portas do *seculo XIX*.

E o povo entrava n'elle não subjugado pelo despotismo dos Cesares, não escravizado ao jugo dos grandes senhores; mas como estandarte sublime da *philosophia moderna*, com o código santo dos *direitos do homem*, e com a consciencia da sua grandeza.

(Continua.)

(Continua.)

LATRO SODRÉ.

Harmonia no estylo

(Continuação)

Harmonia é, geralmente, o accordo perfeito das partes de um todo, e a ordem na disposição dessas partes. Nesta significação lata, o termo harmonia tem applicação a diversos phenomenos de que constitue propriedade particular; e, considerada em relação ás linguas é uma propriedade importante de cujo estudo depende o desenvolvimento e fixação do genio peculiar a cada uma.

A harmonia de estylo consiste no emprego e disposição das palavras convenientes ás imagens, idéas, sentimentos, etc., e a toda economia do discurso relativa á audição; resultando desta definição a divisão adoptada em imitativa e mecanica.

A parte mecanica, chamada euphonía, tem por objecto a escolha e combinação dos sons, o modo de facilitar as articulações e tornar as agradáveis ao ouvido. Esta parte, dependente do conhecimento dos elementos physicos da lingua, é propria do grammatico. A parte imitativa estuda a similitude sensível dos sons e movimentos expressos pela palavra, com os da natureza e a analogia maios ou menos constante dos termos com os objectos, que designam. Esta divisão da harmonia, que tem explicação como método de estudo, não separa uma parte da outra, porque a harmonia mecanica, sem duvida influente e considerada como a melodia do estylo, torna-se muitas vezes imitativa; pois, sabe-se que pela escolha e combinação dos

sons produz-se a imitação; em segundo lugar a parte mecanica sendo, com poucas modificações, identica nas linguas derivadas da mesma fonte, não pôde constituir propriedade caracteristica do genio de cada uma, ao passo que combinada á imitativa assignala phenomenos, caracteristicos verdadeiros do genio da lingua.

Um facto de grande importancia tem mantido essa divisão: observa-se que, nas linguas latina e grega, a chamada harmonia imitativa tem maior influencia do que a mecanica, ao contrario das modernas em que é dominante a ultima. Este facto, devido ao caracter synthetico das linguas antigas, tem explicação na educacão esmerada do ouvido a ponto de tornal-o arbitro, em ultima analyse, da conveniencia dos termos, quando estes mantém real e sensivel similitudem de som e movimento com os da natureza; nas linguas modernas, qualquer que seja sua origem, a onomatopeia não pôde ser attendida em consequencia do desenvolvimento intelectual embryonario dos povos de então, e por isso ficou dominante a harmonia intrinseca á natureza da lingua. Todas as linguas neo-latinas são dotadas da grande propriedade de ser harmoniosas, em graos diferentes, distinguindo-se entre todas a portugueza pelo genio imitativo dotado de uma virilidade propria da epopeia, que a eleva e symbolisa.

A linguagem, sendo, segundo um philologo, a pintura do pensamento, depende do genio e pensar do povo — *Qui pense noblement, parle noblement* (Voltaire); e as imagens serão tanto mais perfeitas, quanto os sons mais convenientes; e por isso o caracter de um povo é o primeiro phemoneno influente na lingua que fala.

No genio, no caracter e nas ideias os Portuguezes sendo algum tanto conformes aos Latinos, a lingua herdou os mesmos meios de promover a harmonia, e adquiriu o genio imitativo que lhe é proprio, ficando todavia distinta da latina e, em alguns pontos, superior.

A analyse dos elementos physicos da lingua portugueza descobre-nos tres fontes principaes para a harmonia — o som das vogaes e as articulacões — o accento das palavras e o accento prosodico — as onomatopeias.

As vogaes não têm sons iguais; formam uma serie graduativa de difficultade na expressão, clareza, vibracão e elegancia. O som do *a*, o primeiro da serie, parece destinado pelo ouvido para os accentos indeliberados, ternos, de dôr e alegria: os

poetas como Virgilio e Camões comprehendiam o effeito desse som quando escreviam:

Pallentes violas et summa papevera carpens

.....

.....

Mollia luteola pingit vaccinia caltha.

Andam pela ribeira alva, arenosa.

O som do *e*, o segundo na serie, é elegante, e combinado ao som do *a* tem grande effeito, como se nota em Camões:

« Era no tempo alegre, quando entrava

« No roubador da Europa a luz Phœbea. »

O som do *i*, o mais claro de todos, é elegante e de mais difícil expressão do que os sons do *a* e do *e*. O som do *o* é de alguma sorte magnifico, e tem a sua propriedade como sonoro:

Os altos promontorios o choraram.

(CAMÕES.)

O som do *u* é o ultimo da serie, e tem emprego especial. A combinação das vogais não altera o som de cada uma, e modificando ligeiramente o som resultante deixa dominar o ultimo, perdendo-se na contracção o primeiro que é passageiro. Os sons nasais são harmoniosos e de muito effeito que podem perder pela sucessão de uma vogal; e o seu effeito sonoro está na razão inversa da facilidade na ligação. Da escolha, variedade e combinação destes sons depende a euphonía, elemento essencial das línguas analyticas. As articulações, constituídas pelas consoantes, concorrem muito para a harmonia: ha articulações duras, ha articulações doces e sonoras; mas a dureza do discurso é proveniente da dificuldade, que sente o órgão na expressão, e não da natureza da articulação que, mesmo dura, pode, imitativa, tornar-se harmoniosa. A pronúncia, serie de movimentos variados, segundo Marmontel, pode, livre e desembarracada pela combinação de articulações *sympathétiques*, tornar-se de grande effeito; e a passagem brusca de um movimento a outro, ferindo o ouvido, é prejudicial: escolhe-se das articulações as mais faciles de expressão porque o organo as execute com volubilidade, combina-se ás duras á produzir a imitação.

Esta ligeira exposição dos effeitos, que podem produzir a combinação dos sons e as articulações, mostra o grande recurso

que têm os escriptores de, pelos elementos physicos da lingua, promover a imitação e a harmonia. A lingua portugueza possue outros dotes tambem contribuintes para a harmonia.

As desinencias dos vocabulos, contrahidos geralmente de palavras latinas, tem cada uma significação propria para certos fins; as desinencias dos augmentativos e collectivos são variadissimas: e neste ponto a lingua portugueza não tem rival; as desinencias dos diminutivos são proprias, graciosas e em numero variado, o que sem duvida concorre muito para harmonia. As palavras variam em accentos por tres modos — graves, agudas e dactylicas. Estas tres especies de palavras promovem em alto graão a imitação e harmonia do discurso, como nos dá exemplos innumeraveis o grande poema de Camões.

O emprego das palavras agudas, mal bem definido por E. Leoni, é uma especialidade da lingua portugueza, que a torna vehemente e energica sem igual relativamente ao emprego do infinito pelo imperativo, heranca advinda do latin, o genio imitativo da lingua é privativo e sem exemplo nas linguas modernas. As palavras dactylicas correspondem a uma sustentação da harmonia pela imitação: estas palavras tem frequente emprego nas descrições de scenas magnificas, na referencia de factos extraordinarios, etc.; enfim, em tudo que nos pôde causar admiracão, o seu emprego é útil.

Camões, como grande conhecedor que era da lingua, servio-se admiravelmente da propriedade dessas palavras. As palavras graves são as de que naturalmente nos servimos, porque correspondem á emocioes tranquillas ou á factos de que não nos admiramos pela pouca influencia em nos exercida; com tudo a lingua ainda possue, para distinguir os, terminações proprias aos diversos graos de emocioes que podem-nos excitar. A harmonia, produzida pelo emprego destas palavras, pode ser apreciada em diversas passagens de eminentes escriptores e principalmente no *Lusiadas*.

Esta propriedade das palavras accentuadas, base essencial da harmonia, é na lingua portugueza uma fonte perenne de riqueza para o estylo; a magestade, que possue a lingua, pôde ser considerada como resultado dessa propriedade; a solemnidade, em que se transformaria a magestade do latin, e que dá á lingua o caracteristico de ser propria para a epopea, por certo teria menos resultado em falta de palavras accentuadas; e embora a harmonia e todas as propriedades de uma lingua dependam, em sua manifestação, do genio do escriptor, é

certo que a aridez e insufficiencia da lingua inutilisam o genio especial do escriptor, quando não se coaduna com o caracter da lingua, e haja exemplo na lingua francesa, que até hoje se tem conservado fria na epopéa. O accento prosodico, que nas linguas modernas, não gosa de grande influencia, exerce na portugueza funções importantes; o encanto, que a quantidade fornecia ao latim, pode ser produzido em menor escola, pelo accento prosodico, que é de summa vantagem para a poesia, acquisidora assim de novos recursos para seu desenvolvimento.

A onomatopeia é, na lingua portugueza, o que ha de mais especial, e constitue uma fonte de harmonia imitativa de que não dispõem as outras neo-latinas; mas na insufficiencia de palavras onomatopaicas, ainda estão, no genio imitativo da lingua, as syllabas onomatopaicas, quando coincidem com as predominantes. Esta propriedade torna a lingua affectuosa e expressiva variando a harmonia por um modo indefinido: entretanto, da collocação das palavras depende muito o effeito da onomatopeia.

Pelo exposto vê-se que a harmonia é uma propriedade manifestada por um phenomeno mui complexo, para o qual concorrem muitos outros da mesma natureza, que, a seu turno, são caracteristicos da lingua.

A. S.

Agar

A' T. B. GUERRA

Sob a palmeira esguia do deserto
Sentou-se a triste escrava, contra o seio
O caro filho aperta, e o pranto corre
Dessa face de mãe, que tudo esquece
P'ra só pensar no filho estremecido,
Que soluçante ao collo se lhe prende,
Sem já poder falar, morrendo á sede!
Ai! como a pobre escrava contemplava
A savana arida, immensa!

Nem doce viracão, nem um perfume
Trazido dos oasis sobre as azas
Da brisa perfumosa, que a miserrima
Se deleitava outr'ora, quando infante,
A ver brincar lhe á tarde entre os cabellos !
O arroio, que as aguas arrastava
Sobre o verde esmeralda da campina,
Vinha em doces lamentos segredar-lhe
Mil strophes de amor, que ella escutava,
Sentindo-se enlevar entre harmonias !

Nesses tempos, menina, ella corria
Entre as flores brilhantes, que espontaneas
Brotavam na devesa dos caminhos,
Corria, qual um passaro assustado,
Si acaso o colibri, louco de amores,
Perseguido-a tenaz, enamorado,
As azinhas batia, esvoaçando
Em redor da cruel que lhe fugia !

Sua mãe a chamava, lhe dizia :
— Que receias, ó filha, faz-lhe afagos ;
Não o vês teus carinhos implorando ?
Os zelos o consomem, tuas flores
Elle inveja, e se carpe que de mimos
Não o cubras tambem, porque é bello.

E os dias lhe sorriam tão fagueiros !
Tão cheios de alegria e de innocencia !
O riso lhe brincava sobre os labios
Como a debil phalena, caprichosa,
Em noites de verão brinca ao luar !

Um dia despertou — era uma escrava !
Nas sombras do horizonte o seu Egypto
Inda poude entrever, que se sumia,
Qual em nevoas de lucidos vapores
Meteóro fugaz que se esvaéce !

Era escrava a infeliz ! sonhos doirados,
Chimeras, illusões da prima idade,
Tinham fugido p'r'os incultos ermos,

Onde ella vira outr'ora o sol nascente
Mandar um raio, tibiante ainda,
Brincar no azul do Nilo adormecido !

E agora vê-se Agar, que no deserto,
Já lagrimas não tem para verter!
Desvia o olhar do filho de su'alma,
Que estende-lhe os bracinhos a gemer!

Ai, entranhas de mãe ! quem é que pôde
Sentir d'um entesinho soffredor,
O gemido tão fraco, que não vôle
A beijal-o, a cobrirc'o seu amor !

Ai, a misera Agar ! indefiniveis
Os olhos de expressão ergueu p'ra Deos !
Fervente uma oração transpoz-lhe os labios,
Perfumada de amor subiu p'r'os céos !

Ouvira o Creador a prece afflita
Ou o gemido innocent da criança ?
Uma e outro, talvez—d'arida rocha
A agua em borbotões subito jorra !
O archanjo do Senhor, de pé, sorrindo,
Apontava p'ra limpida torrente
Como aesp'rança que mostra-nos a vida
Após um tormentoso agoniar !

LEOPOLDO CHAVES

1877

Chronica

Tinhamos deixado na gaveta os folhetenistas do *Cruzeiro*.
Mas *Ezeazar* com o seu cão de lata ao rabo desarmou-nos
completamente. Em attenção á elle os Srs. *Sic* e *Amen* não

levaram os piparotes promettidos. Mas rogamos lhe encarecidamente que se dignem de ter mais graca em seus rodapés. Ou então que façam prurido nas costellas do leitor, não ha outro meio.

* * *

Nós respeitamos todas as convicções sinceras; mas se o Sr. Cardoso de Menezes está sinceramente convencido de serem os sens escriptos outros tantos monumentos de obsercação e atticismo, nesse caso damos-lhe cordialmente uma vaia. Se fossemos um Linneu litterario o classificariamos : escriptor de sangue frio e branco.

* * *

Estamos em maré para folhetins, e isto explica-se pelo caracter litterario dessa Revista. Lembra-nos agora os do Dr. Arthur de Oliveira na *Gazeta*. Devia os intitular—por páos e por pedras.

Quando os lemos vem-nos á cabeça um *tohu-bohu* extravagante. Crepitações de fogueira, rojões de dois, tres e quatro arrancos, perfumes que suffocam, lagrimas de variis côres, e subitamente um colossal dithyrambo estribilhado por phantasticos zé-pereiras com grande numero de bombos e pratos rachados.

O pio leitor, afreguezado com as feijoadas do Sr. França Junior, fica aturdido em meio d'aquele doido fandango de citações historicas, pre-historicas, sub-historicas e hyper-historicas. E não podendo penetrar a coisa, fica a dizer apatetado: Mas onde está o gato? Nós porém que somos impio, bradamos com força: "Irra! oh! musa saturnal qu'inda has de um dia estafar como o cavallo de Beduino. Irra! oh! cabeça qu'inda um dia has de pipocar como uma melancia em tempo de canicula!"

* * *

Um amigão, pessoa pouco fideligna, afiançou-nos que o Sr. França Junior foi á Europa trocar pernas, subvenzionado pelo angusto bolsinho da *Gazeta*. Se assim fôr, o Sr. França é decididamente quem brilha.

* * *

Numa casa de negocio sita á rua 1º de Março n. 60,
lê-se—Arthur Azevedo e Cª.

Tivemos impeto de lançar mão de giz ou cartão e subscriver alli mesmo—“ fabricantes de parodias, magicas, bambochatas, etc. Calembourgs á la minute. Breveté e chiste! Chega, freguez.” Ninguem dirá que erravamos. Estragar tanto talento para vir a ser o *enfant gâté* de um público absurdo, elle, que mais que outro estava nos casos de.... (que diabo iamos nós fazer?).... á scena o Arthur!.... á scena o Basques!

* *

Ouvimos fallar que os Srs. Garrido, A. Azevedo e V. Coaracy pretendiam promover a regeneração do theatro nacional; essa vem de *carrinho*, como dizia um tio nosso que Deus haja. Verificamos depois que—*A Regeneração do Theatro*—é uma borraheira em 3 actos e 15 quadros, na qual o Vasques apresenta meia duzia de caretas novas, cada qual mais original e piña.

* *

Para refrescar o humor, ahi vai uma anedocta, que de certo todos conhecem; mas o que ninguem conhece é o heróe della. Pois bem, o heróe é um primo do Agra; não declinamos seu nome com receio que elle nos quebre, não a typographia, que não temos, mas os ossos.

Esse primo do Agra era instructor de recrutas. Berrava elle: “ A marcha é sempre rompida com o pé esquerdo... ordinario, marche! ” Um bisongo troca o passo, de sorte que aparecem duas pernas unidas. Então o primo do Agra zurra com monumental arrogancia: “ Qual foi o burro que marchou com os dois pés ao mesmo tempo?.... ”

* *

Quem quizer conhecer o que é sabença em critica litteraria, leia o folhetim do *Jornal do Commercio* de 10 de Abril, sobre o romance — Primo Basilio.— Olhem que o autor empertiga-se ali em critico, critico. Parece incrivel, sim senhor, mas vá ver. Este Sr. *Sem malícia*, musicalmente fallando, tem uma orelha em terra de surdos; mas entendeu enristar a lança e

penetrar terreno que nunca explorou!.... *Ne sutor ultra trepidam.* (1)

* * *

A *República* é a *amabilidade* em fórmula de gazeta, que vive a nos fazer fosquinhas. Mas esse namoro já tem-se tornado escandaloso e convém acabar com elle. Tentemos, pois, aplicar-lhe um temível piparote.....

Francamente, não achamos pretexto.

* * *

Para o proximo numero emittiremos nossa opinião sobre a magna questão — metallico-fiduciaria.

E' claro que temos licença do Sr. bacharel Ramos de Queiroz.

U.

Rectificação

No artigo intitulado "A poesia do seculo XIX", publicado no 3º numero desta revista, notam-se alguns erros typograficos, dos quaes torna-se necessario que não passe sem a devida correção o seguinte: — A' pag. 59, l. 21, onde se lê: *e que enerva*, etc.; leia-se: *e do que enleva*, etc.

Imprensa

Recebemos e agradecemos a delicadeza da remessa, os seguintes jornais: *O Seculo XIX*, *Colombo*, *Mosaico*, *Ouro-Pretano*, *Ilustração Brasileira*, *Progresso Litterario*, *Domingo*, *Gazeta de Campinas* e o *Onze de Junho*.

(1) Salvo o latim.

Federico Litor de Menezes

ASSIGNATURA

Ano.....	60000
Semestre.....	30000
Numero avulso.....	500

Pagamento adiantado.

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na
Livraria Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

RUA DE S. JOSÉ N. 113